



# ENEPEX

ENCONTRO DE ENSINO,  
PESQUISA E EXTENSÃO

8° ENEPE UFGD • 5° EPEX UEMS

## **SEXO, MORTE E PEDOFILIA: QUEM TEM MEDO DE *LYGIA BOJUNGA*?**

**Bianca Cardozo Flores<sup>1</sup>; Alexandra Santos Pinheiro<sup>2</sup>; Cristiane Rodrigues De Queiroz<sup>3</sup>**

<sup>1</sup> Bolsista do PIBID da UFGD; <sup>2</sup> Orientadora, professora da UFGD; <sup>3</sup> co-autora, professora na Escola Menodora Fialho de Figueiredo.

### **Resumo /Abstract:**

É em *Lygia Bojunga* que se centra a presente pesquisa, com enfoque na análise da obra *Sapato de salto* (2006). Objetiva, à luz da *Estética da recepção*, desmistificar o ensino de Literatura e leitura na escola, que, geralmente, é visto pelos alunos, como uma atividade difícil, monótona e cansativa. Com este trabalho, pretendemos mostrar que é possível desenvolver com os alunos uma leitura prazerosa e, ao mesmo tempo, conscientizadora, pois a obra acima relacionada aborda temas sociais atuais vivenciados por nossos adolescentes. *Sexo, morte e pedofilia* é uma investigação baseada em um trabalho bibliográfico e em uma pesquisa de campo, e será realizada com os alunos do 1º ano do ensino médio, turma A, da Escola Estadual Menodora Fialho de Figueiredo.

**Palavras-chave:** *Estética da recepção*, literatura, *Lygia Bojunga*.

### **Introdução:**

A Literatura Infanto-Juvenil atual procura trabalhar com temáticas que façam parte da realidade dos leitores infantis e adolescentes. Violência urbana, morte, abandono, meninos e meninas moradores de rua, amizade, e os conflitos familiares são alguns dos temas que podem ser citados. O que se propõe, a partir de uma tendência que se inicia, no Brasil, na década de 80, com a chamada Literatura Realista, oposição à Literatura fantástica, é oferecer ao público alvo desse tipo de produção a possibilidade de pensar a sua realidade a partir da leitura literária. Com personagens que vivenciam situações similares a que eles enfrentam no mundo real, esses leitores podem resolver os conflitos que os envolvem.

É interessante lembrar que a ideia de que a obra literária tinha o poder de mudar comportamentos passou a ser mais forte depois do advento do romance, no século XVIII, crença que se estende ao longo do século XIX, quando a palavra ainda era considerada por seu poder ilimitado. A prática de Literatura,

nesse sentido, representava uma espécie de veículo tradutor da realidade, com o poder de espelhar o mundo e seus contornos. Hoje, a visão da Literatura busca, como afirma *Marisa Lajolo*, a “grande aventura da significação provisória”, transformando esse provisório na “arma de sua permanência”. A arte literária seria vista como “instauração de uma realidade, apreensível apenas na medida em que permite o encontro de escritor e leitor sem que, entre ambos, haja qualquer acordo prévio quanto a valores, representações, etc” (LAJOLO, 2002, 12). A concepção de literatura relaciona-se, então, com a questão da leitura, entendendo-a como um processo de construção de sentidos.

*Antonio Candido* afirma que a Literatura tem a capacidade de “confirmar a humanidade do homem”, derivando, entre suas funções a de “satisfazer à necessidade universal de fantasia, contribuir para a formação da personalidade e ser uma forma de conhecimento do mundo e do ser” (Cf. *Ciência e Cultura*). O que encontramos na Literatura Infanto-Juvenil brasileira é um elenco significativos de autores empenhados em dar voz aos sentimentos dos jovens leitores.

Antes de *Monteiro Lobato*, esse gênero literário era pensado a partir do olhar adulto, que ditava às normas de conduta ao pequeno leitor, procurando moralizar seus sentimentos e seus atos. O autor de *O sítio do pica-pau amarelo* é o primeiro a inserir a criança em suas histórias, dando a ela a liberdade de expressão. *Monteiro Lobato* configura um marco divisor da Literatura infanto-juvenil, depois dele, outros nomes marcaram (e marcam) a história da produção literária para o público jovem e infantil. Hoje, ao lado de tantos outros escritores representativos, destaca-se *Lygia Bojunga Nunes*.

Nascida em Pelotas, Rio Grande do Sul, foi no Rio de Janeiro que *Lygia Bojunga* cresceu e desenvolveu sua vida profissional, primeiro como atriz, depois, por uma atração incontrolável pelo universo da palavra, como escritora. A sua paixão pelos livros foi expressa em texto escrito em 1982, por ocasião da comemoração do Dia Internacional do Livro Infantil. “O Livro: a troca” é uma declaração de amor à Literatura, usado como referência por muitos teóricos do ensino da leitura literária:

Pra mim, livro é vida; desde que eu era muito pequena os livros me deram casa e comida.

Foi assim: eu brincava de construtora, livro era tijolo; em pé, fazia parede, deitado, fazia degrau de escada; inclinado, encostava num outro e fazia telhado.

E quando a casinha ficava pronta eu me espremia lá dentro pra brincar de morar em livro. De casa em casa eu fui descobrindo o mundo (de tanto olhar pras paredes). Primeiro, olhando desenhos; depois, decifrando palavras.

[...]

Mas, como a gente tem mania de sempre querer mais, eu cismeiei um dia de alargar a troca: comecei a fabricar tijolo pra – em algum lugar – uma criança juntar com outros, e levantar a casa onde ela vai morar (*BOJUNGA*, 1988, p. 7).

Os tijolos fabricados pela escritora tratam de temas caros ao mundo infanto-juvenil: o abandono, a morte, a solidão, os ciúmes, a puberdade, o amor da primeira infância, a amizade, para citar apenas alguns. Em *Lygia Bojunga Nunes*, identificamos a sensibilidade dos autores pós *Monteiro Lobato* de dar voz a personagens infantis e adolescentes que vivenciam situações significativas à realidade de seus leitores, contudo, a autora trabalha com uma perspectiva estética apurada, a partir de construções sintáticas que exigem a maturidade do leitor literário. Suas personagens são marcadas por um significativo aprofundamento psicológico.

Na presente pesquisa, o foco recai para a obra *Sapato de Salto*, lançado em 2006, já pela editora Casa Lygia Bojunga. Sabendo das dificuldades que o sistema escolar possui em apresentação literária, este trabalho pretende desmistificar o ensino da literatura, abrindo caminhos para um maior contato entre a leitura e os jovens, estes, leitores em formação. As escolas ainda são o espaço em que o jovem pode ter maior contato com a literatura, mas, estas em sua maioria, valorizam um ensino sistematizado, tornando a leitura uma prática cansativa, e não sensível ao lado literário de estimulação ao senso crítico e fantasioso que o aluno necessita. Com a leitura da obra *Leitura, literatura e escola* de *Maria do Rosário M. Magnani*, entre outros autores e textos, a pesquisa pretende caminhar pelo mundo escolar, buscando alternativas para uma prática literária agradável, que abra portas a leitores conscientes.

A escolha da autora se deu pela sua evidente facilidade em se comunicar com o mundo jovem. Os temas abordados por *Lygia Bojunga* não se destinam à determinada faixa etária, mas o olhar da criança e do jovem está sempre presente em suas histórias. É visível o contraste entre suas obras, livros como *Os colegas* (1972) e *Meu amigo pintor* (1987) possuem uma estética mais infantil, como animais que falam e um universo de dúvidas da criança, mas sempre com experiências complicadas a serem dissolvidas, em contraste com *Sapato de salto* (2006) e *Retratos de Carolina* (2002) em que a linguagem é diferente, com uma estética e um olhar muito mais jovial, que, de maneira crua, abordam sexo, violência e abuso infantil, mas ainda com o olhar da criança presente. Em suas obras, não existem temas bons ou ruins, através da literatura, as dificuldades apresentadas são ultrapassadas.

Quando se trata da aplicação da prática literária no ensino médio, surge o dilema do Útil x Agradável. Pensar em uma obra que seja agradável para os jovens e também útil em sua formação literária não é uma tarefa fácil. Percebe-se que os alunos encaram a leitura com certo receio devido às aulas de literatura, na forma com que são aplicadas. Em um debate na sala de aula, os alunos do primeiro

ano demonstraram gostar de ler e se interessar por literatura, mas não pela literatura brasileira ou a clássica. O modo com que as obras são apresentadas nas aulas de literatura não os deixa interessados e os mesmos acabam tendo maior contato com os famosos Best-sellers.

Os best-sellers possuem maior contato com a massa, em sua maioria, a linguagem é mais fácil e atrativa. Em contraposição aos clássicos, principalmente àquelas obras apresentadas no ensino da literatura no ensino médio, obras de *Machado de Assis*, por exemplo. Neste debate em sala, os alunos classificaram as obras como "chatas", "desinteressantes". Ao serem questionados sobre como eram essas aulas de literatura, os alunos disseram que só respondiam questões do livro didático e, que, não entendiam como nunca haviam lido realmente uma obra literária nas aulas de literatura.

Segundo *Magnani*, ocorre a Repetição do mesmo no ensino médio, os jovens com uma imaginação a ser explorada, não têm isso amparado nas aulas do ensino médio. A literatura é vista como algo abstrato, e a gramática, sendo considerada mais importante. Mesmo que um professor sinta o desejo de passar aos alunos as dádivas dos textos literários, como *Magnani* descreve sua própria situação, no meio do caminho surgem dúvidas de como passar isso aos alunos, estes que, são seres individuais, com anseios e desejos derivados. Que leituras indicar a esses alunos? Até que momento o gosto pessoal do professor não estará influenciando nas escolhas propostas aos alunos?

Recorrendo, ainda, ao livro da *Magnani*, um desfecho para essas dúvidas é mais complicado do que parece, a leitura e a literatura, principalmente nas escolas, onde se crê que é onde o aluno é alfabetizado e letrado, não é apenas uma questão de formação de gostos do aluno e nem uma adequação à faixa etária do aluno. Mas sim, recorrer a obras pertinentes a determinada época, em que os alunos possam se encontrar, dialogar e caminhar junto à obra.

Falar em leitura e literatura é falar de um fenômeno social que envolve as condições de emergência e utilização de determinados escritos, em determinada época: é pensá-las do ponto de vista de seu funcionamento sócio-histórico, antes e para além de platônicos e redutores juízos de valor. E falar em formação do gosto é retomar as relações entre leitura, literatura e escola do ponto de vista das possibilidades políticas do movimento no sentido de desestabilização da dicotomia entre prazer e saber. (*MAGNANI*,1989. p. 29).

As dúvidas continuam presentes, principalmente, sobre a formação de gosto dos alunos. Com a cultura de massa atingindo a grande maioria dos jovens, é difícil ignorar o contato que os jovens têm com os conhecidos livros best-sellers. É possível ignorar esses textos? Até que momento são benéficos ou

prejudiciais na formação de gosto literário dos alunos? Cabe ao professor o papel de interferência crítica, saber aproveitar aquilo que aluno lê e as experiências do aluno e propor novos textos, novos caminhos.

### **SAPATO DE SALTO: Uma escolha pertinente**

*Sapato de salto* narra a história de Sabrina, uma menina órfã que é abusada sexualmente, vê a tia ser morta em sua frente, se prostitui, com apenas onze anos de idade. De forma realista, mas, ao mesmo tempo, delicada, a obra reflete sobre marcas deixadas por traumas, caminhos que não dependem de escolhas. Além disso, a abordagem de temas como a homossexualidade, as dúvidas comuns a muitos, faz com que a obra se aproxime do leitor.

No primeiro momento, o plano era apresentar a escritora e a obra aos alunos, depois os alunos deveriam ler o livro e discutir o que sentiram e o que acharam em um debate. Mas surgiu uma dificuldade: Como conseguir livros para todos os alunos? Como não é algo fácil e nem barato de conseguir, a solução foi de, aos poucos, tirar cópias dos capítulos e ler alguns em grupo, nas salas, e outros os alunos levariam para ler em casa. O problema se tornou uma solução.

Através de leituras em grupo, tivemos maior contato com a reação dos alunos durante a leitura e, como objetivo, desmitificar a leitura e abrir caminhos através de *sapato de salto*. A obra pode ser classificada como uma escolha pertinente, ou até mesmo como a escolha ideal para o momento. Nas leituras em grupo dos primeiros capítulos, pudemos observar o interesse dos alunos no enredo. Espantados e chocados com os acontecimentos na vida da Sabrina, pareciam querer mais, a cada página lida queriam narrar como viam aqueles temas.

Da delicadeza à violência, *Sapato de salto* permite um caminho mais amplo ao aplicar o modo recepcional. É uma obra com temas atuais e pertinentes, em que a participação ativa dos leitores é fundamental, é inevitável discutir *Estética da recepção*. Através da *Teoria da Recepção*, de Hans Robert Jauss, é possível buscar alternativas para a prática da leitura nas escolas, aproximando os alunos da obra. Inserir a prática de leitura, em que o leitor em questão possa dialogar com o texto. O livro gera questionamentos por si só: "O que essa leitura, com esses temas tão presentes, mas, ao mesmo tempo, silenciados, provocam em um leitor em formação?"; "Qual modificação no sentimento de consciência e conhecimento, a literatura causa nos jovens?". Portanto, a partir desses questionamentos, o leitor deve ser visto como um produtor de sentidos. *A recepção literária* não se interessa apenas na história da obra e do autor, como muitas vezes é ensinado nas escolas, mas sim, no leitor como ponto chave para a discussão da obra. O texto não vive independente daquele que o lê, ambos caminham juntos. A história do texto não

é ignorada, mas a obra, quando boa, ganha sentidos diferentes com o passar do tempo, assim, explica Jauss:

A qualidade e a categoria de uma obra literária não resultam nem das condições históricas ou biográficas de seu nascimento, nem tão-somente de seu posicionamento no contexto sucessório no desenvolvimento de um gênero, mas sim dos critérios da recepção, do efeito produzido pela obra e de sua fama junto á posteridade. (JAUSS, 1994, p.8).

### **Palavras finais:**

Este é um trabalho em andamento, os alunos estão, aos poucos, revelando suas sensações e, assim, mostrando o resultado da pesquisa. A leitura apresentada e estimulada dessa forma se mostrou uma boa alternativa para as práticas literárias na escola. Os alunos encontraram em *Sapato de Salto* uma leitura agradável, e também, conscientizadora, Portanto, pôde-se perceber um resultado satisfatório. Esta pesquisa almeja uma nova visão à literatura e a leitura, em que os alunos, leitores em formação, possam se aproximar de obras literárias, não apenas de forma sistematizada, mas, também, serem os produtores de sentido das mesmas.

### **Referências:**

- ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. 2 ed., Rio de Janeiro: LTC, 1981.
- BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo: fatos e mitos*. Trad. Sérgio Millet. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 2001.
- BETTELHEIM, Bruno. *A psicanálise dos contos de fada*. Trad. de Arlene Caetano. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- COELHO, Nelly Novaes. *Literatura Infantil - Teoria, análise, didática*, Moderna Editora, 2002.
- JAUSS, Hans Robert. *A história da literatura como provocação à teoria literária*. Trad. de Sérgio Tellaroli. São Paulo, SP: Ática, 1994
- LAJOLO, Marisa. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. São Paulo: Ática, 2002.
- MAGNANI, Mario do Rosário M. *Leitura, literatura e escola: Sobre a formação do gosto*. Livraria Martins Fontes Editora LTDA. 1989.
- MEAD, Margaret. *Sexo e temperamento*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2003.
- NUNES, Lygia Bojunga. *Livro: um encontro com Lygia Bojunga Nunes*. Rio de Janeiro: Agir, 1988.